

## UM ESTUDO ACERCA DOS ELEMENTOS NORTEADORES DO PLANEJAMENTO DE ENSINO

A STUDY ON THE GUIDING ELEMENTS OF TEACHING PLANNING

UN ESTUDIO SOBRE LOS ELEMENTOS RECTORES DE LA PLANIFICACIÓN  
DOCENTE

Diego de Vargas Matos<sup>1</sup>  
Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra<sup>2</sup>  
Michel da Costa<sup>3</sup>  
Melca Moura Brasil<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica realizada acerca de elementos conceituais e desdobramentos concernentes ao plano de ensino. Utilizou-se coleta de dados em obras que versam sobre essa temática. A partir da análise realizada foi possível reafirmar que o planejamento é imprescindível em toda ação docente, sendo que ele possui como elementos os dados de identificação, os objetivos, os conteúdos, as estratégias, os recursos de ensino e a avaliação. Os objetivos destacaram-se como o elemento mais relevantes do plano de ensino de onde derivam os demais. A pesquisa desvelou que o plano de ensino tem como principal objetivo a aprendizagem do aluno no que tange às práticas de ensino significativas e intencionais.

100

**Palavras-chave:** Plano de ensino. Objetivos. Aprendizagem. Planejamento Escolar.

**ABSTRACT:** This article presents bibliographic research conducted about conceptual elements and developments concerning the teaching plan. Data collection was used in works that deal with this theme. From the analysis conducted, it was possible to reaffirm that planning is essential in every teaching action, and it has as elements identification data, objectives, contents, strategies, teaching resources and evaluation. The objectives stood out as the most relevant element of the teaching plan from which the others derive. The research revealed that the main objective of the teaching plan is student learning in terms of meaningful and intentional teaching practices.

**Keywords:** Teaching plan. Goals. Learning. School Planning.

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências e Matemática. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Educação – UNADES (PY), Mestre em Filosofia – UFPB, Lic. em Matemática UNIASSELVI.

<sup>3</sup> Doutor em Educação Matemática, Anhanguera – SP. Mestre em Educação Matemática, Universidade Bandeirante de São Paulo.

<sup>4</sup> Mestra em Educação em Ciências e Matemática – UFG.

**RESUMEN:** Este artículo presenta una investigación bibliográfica realizada sobre elementos conceptuales y desarrollos en torno al plan de enseñanza. La recolección de datos fue utilizada en trabajos que tratan este tema. Del análisis realizado se pudo reafirmar que la planificación es fundamental en toda acción docente, y tiene como elementos de identificación datos, objetivos, contenidos, estrategias, recursos didácticos y evaluación. Los objetivos destacaron como el elemento más relevante del plan docente del que derivan los demás. La investigación reveló que el objetivo principal del plan de enseñanza es el aprendizaje de los estudiantes en términos de prácticas de enseñanza significativas e intencionales.

**Palabras clave:** Plan docente. Objetivos. Aprendiendo. Planificación Escolar.

## I INTRODUÇÃO

Qualquer ação que pretende-se realizar, antes é necessário o seu planejamento, seja uma lista de compras no supermercado, metas pessoais ou profissionais a serem alcançadas no novo ano que se inicia, uma aula, entre outros. De acordo com Padilha (2001):

Planejamento é processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando ao melhor funcionamento de empresas, instituições, setores de trabalho, organizações grupais e outras atividades humanas. O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações.

101

É importante destacar nessa afirmação que só há planejamento se existe um objetivo a ser atingido. Assim, o eixo norteador do todo plano é o seu objetivo.

No campo educacional, existem diferentes tipos de planos. Vasconcelos (2000) classifica-os em três tipos, a saber: planejamento da escola, planejamento curricular e projeto ou plano de ensino.

Para Vasconcelos (2000), o planejamento escolar refere-se ao que é conhecido por Projeto Político-Pedagógico (PPP). No PPP são apresentadas a filosofia, a política e os elementos teóricos e metodológicos que fundamentam a prática de ensino da escola; ou seja, trata-se do documento de identidade da instituição (MOSER; SIEGEL; URBANESKI, 2011). Segundo Veiga (2000, apud CARON, 2008, p. 83):

O projeto busca um rumo, uma direção, uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade.

No que se refere ao planejamento curricular, Ranghetti e Gesser (2009) destacam que elaborar um currículo não é simplesmente listar um rol de conteúdos a serem desenvolvidos no ambiente escolar. Para as autoras, o currículo é produtor de sentido e significado, pois trata-se de todas as experiências pedagógicas vivenciadas, as quais possuem intencionalidades e são influenciadas por aspectos sociais, culturais e históricos (RANGHETTI; GESSER, 2009). A esse respeito, Apple (1982, p. 59) afirma que:

O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos [...] Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produtor de tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo.

Já o plano de ensino, objeto de estudo deste artigo, trata-se do planejamento das aulas elaboradas pelo professor, que deverá levar em consideração o planejamento escolar e o curricular.

Um plano de ensino representa uma organização seqüencial de decisões sobre a ação do professor, visando influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, para que seja mais eficiente; um plano deve ser claro e completo, mas flexível, em função de *feedbacks* advindos de sua própria concretização (ABREU; MASETTO, 1990, p. 16).

Assim, é possível perceber que o maior objetivo ao se elaborar um plano de ensino é a aprendizagem do aluno, uma vez que “[...] O ensino não existe por si mesmo, mas na relação com a aprendizagem” (VEIGA, 2010, p. 160). Já a aprendizagem, para Tarpy (1997, p. 8), consiste em “[...] uma mudança inferida no estado mental de um organismo o qual é uma consequência da experiência e influi de forma relativamente permanente no potencial do organismo para o comportamento adaptativo posterior.”. Em outras palavras, a aprendizagem é um processo de aquisição de conhecimentos, por meio da experiência, que implicam em mudanças relativamente permanentes no comportamento dos sujeitos.

Ao elaborar um plano de ensino, é necessário que o professor saiba claramente de antemão o que deseja que seus alunos se tornem capazes de fazer, ou seja, os conhecimentos que deseja que eles adquiram. De posse desses objetivos é possível iniciar a elaboração do plano de ensino que possui algumas etapas muito importantes as quais devem ser respeitadas.

Pensando nisso, elaborou-se este artigo cujo objetivo é apresentar as etapas de um plano de ensino. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico em obras acadêmico-científicas que versam sobre planejamento.

Espera-se que as ideias apresentadas neste trabalho possam de algum modo auxiliar professores no momento de elaborarem seus planos de ensino com vistas à aprendizagem de seus alunos.

## 2 ELEMENTOS DO PLANO DE AULA

Existem diversos planos de ensino, entre eles, plano de disciplina, plano de unidade e plano de aula. Este trabalho focar-se-á no mais comum entre os planos de ensino, a saber, o plano de aula.

O plano de aula possui importantes elementos que devem ser conhecidos para sua efetiva elaboração. São eles: Dados de identificação; Objetivos; Conteúdos; Estratégias e recursos de ensino; Avaliação da aprendizagem. O professor, se quiser, pode ainda citar em seu planejamento as referências bibliográficas que fundamentam sua prática pedagógica. A seguir, cada um desses elementos será detalhado com vistas ao seu melhor entendimento.

### 2.1 Dados de identificação

É na etapa de preenchimento dos dados de identificação que o professor vai apresentar detalhes do público-alvo de sua aula, como, por exemplo, idade e quantidade de alunos, turma e série a qual pertencem, além da data e carga horária destinada à aplicação da aula. Nessa etapa de conhecimento do público-alvo também é imprescindível que o professor faça um levantamento a respeito dos conhecimentos que seus alunos já possuem sobre os temas que serão desenvolvidos na aula, evitando assim repetição de conteúdos e aproveitando seus conhecimentos prévios como ponto de partida para a formulação dos objetivos.

Vale ressaltar ainda o que Abreu e Masetto (1990) afirmam sobre a importância da apresentação do plano de ensino do professor a sua chefia imediata. Segundo os autores:

É a forma de mostrar a orientação que dá ao seu trabalho, permitindo uma verificação da adequação entre este e os objetivos da instituição de ensino. É também uma maneira de se evitar duplicação de programações, de se chegar a uma possível integração de disciplinas e de se evitar que alguns conhecimentos essenciais deixem de ser tratados junto aos alunos, por nenhum professor ter se proposto a isso (ABREU; MASETTO, 1990, p. 16-17).

### 2.2 Objetivos

“Os objetivos constituem o elemento central do plano e deles derivam todos os demais componentes” (GIL, 2011, p. 102). Em outras palavras, a partir dos fins é que se

definem os meios. Ou seja, é estabelecendo previamente o que é esperado dos alunos ao final da aula que, então, poderão ser definidos também os conteúdos, as estratégias utilizadas para o ensino desses conteúdos e a forma de avaliação da sua aprendizagem. De modo análogo, Abreu e Masetto (1990) afirmam que:

O estabelecimento dos objetivos orienta o professor quando vai selecionar o conteúdo, escolher as estratégias de ensino e elaborar o que e como avaliar. E também orienta o aluno, que fica sabendo o que se espera dele nesse curso e para que isso vai servir, ou em relação ao que vai ser avaliado. Numa palavra: os objetivos, dentro de um plano de ensino, servem para direcionar a ação do professor e, conseqüentemente, facilitar a aprendizagem do aluno (ABREU; MASETTO, 1990, p. 27-28).

Os objetivos podem ser classificados em gerais ou específicos. Nos planos de aula são mais utilizados objetivos específicos que consistem na tradução das etapas necessárias para o alcance dos objetivos gerais, geralmente utilizados no plano da disciplina. Devem iniciar com um verbo escrito no infinitivo que evidencie conhecimentos, habilidades e atitudes esperados que os alunos atinjam. “Quando um professor explicita qual ou quais dessas categorias de aprendizagem precisam ser adquiridas pelo aluno e em que momentos do curso, ele dispõe de um referencial que organiza e facilita as decisões sobre os objetivos” (ABREU; MASETTO, 1990, p. 32). Para redigir os objetivos, uma dica comumente utilizada é dizer mentalmente a frase “O aluno será capaz de...” e, então, inserir o verbo verificando se está adequado com o esperado.

104

Por exemplo, um professor fictício identificou que seus alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental já possuem conhecimento acerca da área do quadrado, ao fazer um diagnóstico dos conhecimentos prévios deles em Matemática. A partir disso elaborou os seguintes objetivos específicos, possibilitando assim a construção do Teorema de Pitágoras com o uso de papel quadriculado, conforme proposta inicial de Lara (2011): Reconhecer um triângulo retângulo; Calcular a área de quadrados; Interpretar a área do quadrado maior como a soma das áreas dos quadrados menores.

### 2.3 Conteúdos

De acordo com Sant’Anna et al. (1995 apud GIL, 2011, p. 128): “O tratamento dispensado pelo mestre ao conteúdo é um dos mais evidentes indicadores do seu grau de atualização, criatividade, iniciativa e sistematização”.

No entanto, os conteúdos devem ser compreendidos como meios para o alcance dos objetivos e não o contrário. São os objetivos que definem os conteúdos a serem

desenvolvidos no plano de aula. Ou seja, conforme Gil (2011, p. 126), “os conteúdos deixam de ser vistos menos como orientadores do planejamento e mais como elementos que contribuem para a concretização dos objetivos de aprendizagem”.

Evidentemente, o professor deve ter domínio dos conteúdos que pretende desenvolver, pois “quanto mais se conhece sobre um tema, melhor se decide sobre ele” (ABREU; MASETTO, 1990, p. 36). Porém, esse critério não deve ser o maior determinante no momento de selecionar os conteúdos. É importante que sejam selecionados conteúdos cuja aprendizagem seja realmente significativa para os alunos e não somente aqueles que o professor tem maior apreço ou domínio, uma vez que “o planejamento dos conteúdos deverá servir antes à aprendizagem do estudante que ao interesse do professor” (GIL, 2011, p. 127).

#### 2.4 Estratégias e recursos de ensino

“São os objetivos que se constituem no critério de escolha das estratégias. É onde o professor pretende que seus alunos cheguem que torna-se o ponto orientador das decisões tomadas em relação ao como chegar lá” (ABREU; MASETTO, 1990, p. 50). Por exemplo, se o objetivo é que os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Matemática, sejam capazes de resolver adições entre polinômios, basta uma aula expositiva com exemplos e exercícios de fixação. Porém, se os objetivos tratarem-se de construir polinômios a partir de figuras geométricas e interpretar algebricamente essas figuras, é necessária manipulação de material concreto para auxiliar na construção geométrica dos polinômios e posterior interpretação algébrica desse material, desde que já possuam conhecimentos prévios sobre área do quadrado e do retângulo, conforme proposto por Lara (2011).

Abreu e Masetto (1990) apontam sua definição do que sejam estratégias de ensino. Para os autores:

Estratégias incluem toda a organização de sala de aula que vise facilitar a aprendizagem do aluno; abrangem a arrumação dos móveis da classe, o material a ser utilizado [...] Numa palavra, incluem todas as atividades que serão pedidas aos alunos, e as do professor que serão necessárias para complementar, iniciar, organizar ou sintetizar essas atividades dos alunos, tendo em vista sua aprendizagem. (ABREU; MASETTO, 1990, p. 51).

Assim, evidencia-se a inclusão do detalhamento dos recursos utilizados na aula durante a etapa de definição das estratégias de ensino. Além disso, vale relembrar que o ensino somente existe para haver aprendizagem.

Desse modo, definir estratégias de ensino “[...] trata-se de buscar atividades pedagógicas que sejam mais eficientes e eficazes para colaborar com a aprendizagem de nossos alunos e melhorar a qualidade de nossos cursos [...]” (MASETTO, 2001, p. 86). A esse respeito, Viella (2001) defende que o professor traduz em sua prática de ensino a sua concepção de aprendizagem:

Por trás de qualquer prática [...] está uma resposta sobre o entendimento da forma como se processa a aprendizagem. Quando pedimos ao aluno que faça isto ou aquilo, estamos materializando na prática o marco teórico que tem orientado nossa ação, esteja ele explícito ou não. A prática acaba sendo um critério de verdade, uma resposta ao “por que ensinar?” e ao “como aprender?” (VIELLA, 2001, p. 118).

Enfim, o que se espera é que ocorra “[...] a mudança de postura do professor ‘ensinante’ para o professor ‘que está com’ o aluno para que ele possa aprender” (MASETTO, 2001, p. 89). Essa ideia é da maior relevância uma vez que, nas palavras de Chizzotti (2001, p. 111), “se persistir um modelo de ensino meramente gerencial da sala de aula, ele se degrada e a profissão docente expõe-se ao risco de se tornar um exercício caduco”.

## 2.5 Avaliação

Conforme Masetto (2001, p. 100), avaliação trata-se da

[...] capacidade de refletir sobre o processo de aprendizagem, buscando informações (*feedback*) para nossos alunos que o ajudem a perceber o que estão aprendendo, o que está faltando, o que merece ser corrigido, o que é importante ser ampliado ou completado, como eles poderão fazer melhor isto ou aquilo. Avaliação, em poucas palavras, é a capacidade de motivar nossos alunos para desenvolverem seu processo de aprendizagem.

Ao passo em que a avaliação deve ser entendida como um processo contínuo de ensino e aprendizagem, os instrumentos avaliativos devem ser repensados de modo a garantir a visão de avaliação como “um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas”, como afirma Moretto (2010) em sua obra de mesmo título.

A avaliação, segundo pesquisas realizadas por Benjamin Bloom (1913-1999), pode ser classificada em diagnóstica, formativa e somativa. A avaliação diagnóstica busca levantar informações sobre os conhecimentos prévios que o aluno possui sobre determinado tema. A avaliação formativa trata-se da avaliação do aluno ao longo do processo. A avaliação somativa consiste no fechamento da disciplina em que são somados os resultados obtidos pelo aluno durante todo o processo por meio de avaliações formativas (ZEN, 2011).

Já os instrumentos avaliativos podem ser, entre outros, registro sistematizado, provas escritas e provas discursivas. Vale ressaltar que os resultados da avaliação devem

incidir não apenas sobre o desempenho do aluno, mas também do professor e do seu plano de ensino (ZEN, 2011).

Enfim, seja qual for a técnica de avaliação utilizada, é importante considerar que: “A avaliação, em seu sentido amplo, só será possível na medida em que estiver a serviço da aprendizagem do educando” (VEIGA, 2010, p. 163).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento bibliográfico realizado neste trabalho foi possível verificar que o plano de ensino é indispensável para a prática docente, uma vez que “[...] à medida que as ações docentes são planejadas, evita-se a improvisação, garante-se maior probabilidade do alcance dos objetivos, obtém-se maior segurança na direção do ensino e maior economia de tempo e de energia” (GIL, 2011, p. 99).

Além disso, evidenciou-se que as etapas de um plano de ensino são, respectivamente, os dados de identificação, os objetivos, os conteúdos, as estratégias e os recursos de ensino, a avaliação da aprendizagem, e, a critério do professor, as referências que embasam sua prática pedagógica. Dentre estas, os objetivos se destacaram como a etapa principal do plano de ensino, uma vez que são deles que os demais elementos de um planejamento derivam. Nesse sentido, de acordo com Perrenoud (2000, p. 26): “Conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém. Porém, a verdadeira competência pedagógica não está aí; ela consiste, de um lado, em relacionar os conteúdos a objetivos e, de outro, a situações de aprendizagem”.

Enfim, conclui-se que todas as etapas de um plano de ensino são elaboradas a partir dos objetivos esperados dos alunos. E que o ensino somente existe para que haja aprendizagem. Assim, espera-se dos professores a elaboração de propostas de ensino que visem à aprendizagem de conteúdos realmente significativos para os alunos, levando em consideração seus conhecimentos prévios e suas expectativas em relação à disciplina.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Celia; MASETTO, Marcos Tarciso. **O professor universitário em aula**. 11. ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1990.

APPLE, Michael. **Currículo e ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.



CARON, Sheila Cristina. **Políticas de Planejamento e Avaliação Institucional como subsídio para a ação docente**. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Centro de Tecnologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 83-102.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2011.

LARA, Isabel Cristina Machado de. **Jogando com a Matemática do 6º ao 9º ano**. 4. ed. São Paulo: Rêspel, 2011.

MASETTO, Marcos Tarciso. Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 83-102.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MOSER, Giancarlo; SIEGEL, Norberto; URBANESKI, Vilmar. **Legislação e avaliação do ensino superior no Brasil**. Indaial: Uniasselvi, 2011. 99 p.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar: convite à viagem**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RANGHETTI, Diva Spezia; GESSER, Verônica. **Estruturas Curriculares - Inter e Transdisciplinaridade**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009. 121 p..

TARPY, Roger M. **Aprendizaje: teoría e investigación contemporáneas**. Madrid: McGraw-Hill, 1997.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 7ª Ed. São Paulo. 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ensino e avaliação: uma relação intrínseca à organização do trabalho pedagógico. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Didática: o ensino e suas relações**. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. P. 149-169.

VIELLA, Maria dos Anjos Lopes. Das intenções aos objetivos educacionais. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 83-102.

ZEN, Mariane Werner. **Organização do Trabalho Pedagógico na Sala de Aula: Planejamento, Metodologia e Avaliação**. Indaial: Uniasselvi, 2011. 186 p.